



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
XIV Feira Nacional de Agricultura Irrigada - FENAGRI**

Juazeiro-BA, 30 de outubro de 2003

Meu caro governador do estado da Bahia, Paulo Souto,

Meu caro prefeito da cidade de Juazeiro, companheiro Joseph Bandeira,

Meu caro companheiro prefeito de Petrolina, Fernando Bezerra,

Meus companheiros ministros Jacques Wagner, do Trabalho; Ciro Gomes, da Integração Nacional; companheiro Olívio Dutra, ministro das Cidades; Waldir Pires, ministro do Controle e da Transparência; meu companheiro Graziano, ministro extraordinário de Segurança Alimentar e combate à Fome,

Queria dizer que está entre nós dois senadores da Paraíba, o senador Ney Suassuna e o senador José Maranhão,

Queria cumprimentar o deputado Federal Luiz Couto, que é da Paraíba; o nosso companheiro Zezel Ribeiro, aqui da Bahia; o deputado Colbert Martins; a deputada Federal Alice Portugal; o deputado Federal Edson Duarte; o deputado Federal Josias Gomes; o deputado Federal Walter Pinheiro; o deputado Federal Daniel Almeida; o deputado Federal Gonzaga Patriota,

Queria cumprimentar os companheiros deputados estaduais,

Vereadores aqui presentes,

Gostaria de cumprimentar os prefeitos de outras cidades, que estão aqui,

Gostaria de cumprimentar cada companheira e cada companheiro que veio a esta Feira da Agricultura Irrigada, para apresentar os seus produtos, para fazer negócios, e para mostrar ao país que o Brasil precisa apenas de uma oportunidade.



Eu, na verdade, imaginava que ao visitar uma feira não precisava fazer discurso. Mas, este ano, esta é a 14ª feira que eu visito e, em todas elas, tem que ter um discurso e a gente termina não visitando a feira, mas só fazendo o discurso. Mas, já que a regra é essa, vamos conversar um pouco com vocês.

É importante lembrar que há algum tempo era humanamente impossível pensar que essa região do Nordeste brasileiro pudesse ser o símbolo do plantio de uva do nosso país.

Havia quem defendesse que a uva era um produto que só daria certo nos estados do Sul do país ou em alguns estados do Sudeste. Mas, como a engenharia genética evolui muito, como a ciência evolui muito, e como a Embrapa é uma empresa de pesquisa das mais extraordinárias existentes no mundo, quiseram nossos pesquisadores que pudéssemos provar que a uva precisa de terra fértil e precisa de água e sol.

E o Nordeste, às margens do Rio São Francisco, tem a terra fértil, tem água e tem sol. Portanto, era necessária a vontade política e a disposição dos governantes, de provar que a agricultura irrigada pode significar a salvação de milhões e milhões de brasileiros em todos os 27 estados da nossa Federação.

E quando a gente vem a uma feira como esta, e quando a gente vê os produtos que vocês conseguem produzir aqui – eu brincava com o meu governador, ex-governador, hoje ministro das Cidades, Olívio Dutra. Eu dizia para ele que uma das grandes indústrias de vinho do Rio Grande do Sul, a Miolo, que produz talvez uma das melhores qualidades de vinho no Brasil, está vindo aqui, para o Nordeste, para fazer experiência e, quem sabe, montar uma fábrica.

E, como sou nordestino e sou otimista, não se assustem se daqui a pouco os franceses estiverem vindo aqui, buscar uva para produzirem o vinho francês. Não se assustem, porque este Nordeste, com a oportunidade que nós pretendemos ajudar que ele tenha, pode ser infinitamente melhor do que é hoje.



Eu queria que vocês compreendessem uma coisa importante, que já foi falada aqui: amanhã completaremos dez meses de governo. Dez meses de governo é muito pouco tempo para a gente colocar em prática tudo aquilo que vocês, que eu e que nós sonhamos um dia fazer neste país. Eu diria que tem tudo por fazer. Tem tudo por fazer, porque, lamentavelmente, o nosso país estava meio que abandonado. É só perguntar para cada prefeito, para cada governador como estavam as estradas nas suas cidades e nos seus estados. É só pesquisar no Tribunal de Contas quantas obras neste país estavam paralisadas por irregularidades, quem sabe, até nos contratos de concessão ou na concorrência que era feita. É só visitar qualquer lugar deste país, para a gente ver que há muito tempo o nosso país tinha caído um pouco no abandono ou no esquecimento.

Recuperar a capacidade produtiva deste país foi uma tarefa, eu diria, gigantesca, que não faríamos sem a compreensão de vocês. Foi preciso ser muito duro no controle do gasto público, porque pegamos o governo com previsão de 14 bilhões no Orçamento, que não tinha de verba. E, ao mesmo tempo, pegamos um Orçamento que tinha 10 bilhões de restos a pagar. Portanto, tivemos que arcar com 24 bilhões que estavam no Orçamento e, na verdade, não tinha dinheiro para a gente utilizar. Foi preciso paciência de chinês. De chinês não, paciência de quem está calejado na vida, já tinha perdido três eleições e ganhou, e sabia que não podia nem errar, nem ficar desesperado. Era preciso ter paciência, para que a gente pudesse começar a criar condições para o Brasil dar o salto de qualidade que este país precisa dar.

E começamos a trabalhar naquilo que nós entendíamos que era preciso. Primeiro, era preciso recuperar a relação do Brasil com os seus parceiros da América do Sul e era preciso, sobretudo, recuperar a credibilidade dos países do Mercosul.

Passados dez meses, eu posso olhar na cara de cada um de vocês e dizer que a relação do Brasil com a América do Sul e as possibilidades do



Mercosul nunca estiveram tão extraordinárias como estão agora.

Mas era preciso dar outros momentos, porque neste país se dizia que o Lula não ia conseguir governar porque não tinha relação estrangeira. E eu duvido – e pergunto a quem já viajou o mundo – se houve algum momento na história do país em que nós tivéssemos com a credibilidade internacional que temos hoje.

E estamos com credibilidade porque não baixamos a cabeça. Estamos com credibilidade porque temos a coragem de dizer aquilo que o Brasil tem direito, sem deixar, em nenhum momento, qualquer porta fechada para negociação com qualquer país. Mas eles têm que saber que este país é soberano, que este país tem indústria, que este país tem agricultura, que este país tem trabalhadores e trabalhadoras e, portanto, este país tem que defender os seus interesses.

Depois de amanhã estarei fazendo uma nova empreitada. Vou recuperar a relação histórica que este país tem, e até a dívida moral que nós temos com os nossos irmãos do continente africano, que é base da origem do nosso povo. E começo, sábado, uma viagem para a África, onde visitarei São Tomé e Príncipe, onde visitarei Angola, Moçambique, Namíbia e África do Sul. E o Brasil pode ajudar esses países na questão da saúde, na questão do petróleo. A Embrapa pode ajudar esses países e o Brasil não pode ficar apenas olhando para a Europa e para os Estados Unidos e esquecer os seus irmãos e os nossos irmãos que ajudaram a construir essa Nação.

Em dezembro, farei outra viagem importante. Pela primeira vez, um Presidente da República deste país vai visitar o Líbano, os Emirados Árabes, a Síria, a Arábia Saudita, o Egito e a Líbia, porque nós queremos atrair os países árabes a fazerem negócios com o Brasil, ao invés de ficar depositando dinheiro em outros países ricos; acreditar na sua relação com o Brasil e com a América do Sul.

E no ano que vem, eu termino as minhas viagens internacionais indo à



Índia, no dia 26 de janeiro, indo à China, em maio, e indo à Rússia, para criar um bloco político-econômico e comercial que possa ter força para negociar na Organização Mundial do Comércio e fazer com que os países pobres e em desenvolvimento sejam respeitados nas suas relações comerciais, para que os países ricos não imponham tarifas a nós. E mais ainda que nos imponham os subsídios que eles dão para os seus agricultores, criando dificuldades para que os nossos produtos possam competir lá fora. E é essa política internacional que está garantindo a base das coisas que nós vamos fazer aqui dentro.

E eu quero dizer para vocês, nós vamos fazer uma reforma universitária neste país. Nós vamos fazer uma reforma agrária neste país. Nós vamos fazer uma reforma na estrutura sindical. Vamos fazer uma reforma na legislação trabalhista, como fizemos a previdenciária e a tributária. E vamos colocar este país em condições de gerar riquezas para que a gente possa distribuir para os milhões e milhões de brasileiros que são pobres, que querem trabalhar e querem viver com dignidade. Nós vamos vir aqui – o Ciro Gomes conversou comigo –, em janeiro, para inaugurar a primeira fase do Projeto Salitre. Vamos inaugurar esta primeira fase.

Eu me lembro que vim aqui, há uns quatro anos, com o então candidato Fernando Bezerra, no Projeto Senador Nilo Coelho, ali em Petrolina. Estavam os canais feitos, estava a água lá, estavam os canos, mas não tinha dinheiro para financiamento para o pequeno produtor comprar a semente. Este ano, nós anunciamos a maior liberação de verbas de toda a história deste país para a agricultura familiar, foram 5 bilhões e 400 milhões de reais.

Pois bem, e aqui, quando se falou da água do São Francisco, alguns companheiros vaiaram e outros companheiros aplaudiram. E eu queria chamar a atenção dos meus companheiros brasileiros. A primeira coisa que nós temos que ter em conta é a dimensão da miséria existente no semi-árido brasileiro. São mais de 20 milhões dos nossos que, muitas vezes, não têm água para beber. E eu não quero fazer de forma irresponsável, porque nunca aceitei



prometer isto em nenhuma campanha. Nunca fiz como candidatos que vinham à Bahia e eram contra. Iam à Paraíba, eram favoráveis; iam a Sergipe, eram contra; iam ao Rio Grande do Norte, eram favoráveis. Não. Eu nunca fiz isto, porque eu acho que nós precisamos levar água para os nossos irmãos.

Mas, antes de levar a água, nós vamos ter o compromisso de revitalizar o nosso Rio São Francisco. Nós vamos ter que recuperar a cabeceira desse rio, vamos ter que recuperar as matas ciliares. Vamos ter que fazer com que alguns afluentes voltem a ter água, para que a gente possa, numa integração de bacias, fazer com que ninguém sinta que tirar 60 mil metros cúbicos de água possa causar falta a alguém, mas possa trazer alegria para milhões de almas que hoje padecem, andando quilômetros e quilômetros para carregar uma lata d'água na cabeça.

E eu sei que o povo de Juazeiro, o povo de Petrolina, é povo lutador, mas é povo solidário, é povo de coração grande e não vai faltar com os seus irmãos que não foram beneficiados, com a graça de Deus. E recuperar esse rio significa a gente recuperar a possibilidade de sobrevivência de milhares de pescadores artesanais, que sobrevivem pescando um peixe aqui e que hoje não conseguem mais pescar um surubim, porque o peixe está acabando. Porque a terra está tomando conta do lugar onde deveria ter água, por irresponsabilidade do desmatamento de alguns poucos neste país.

E vamos fazer isso porque não é justo que, desde 1847, Dom Pedro já se preocupava com a miséria causada pela fome e ainda hoje a gente tenha os mesmos males de 200 anos atrás.

E eu quero dizer para vocês o que eu disse nesses últimos 30 anos: a seca é um fenômeno da Natureza. A gente nunca pode falar "vou acabar com ela", como o Canadá não acaba com a neve. Ele consegue estabelecer políticas públicas de convivência. Agora, a fome causada pela seca é falta de responsabilidade dos governantes deste país, ao longo de séculos e séculos, que não cuidaram corretamente.



É por isso que nós criamos o Programa Fome Zero. É por isso que nós estamos comprando o feijão e o milho produzido pelos produtores do semi-árido. É por isso que nós estamos comprando mais de 1 milhão de litros de leite, inclusive pagando mais caro o leite de cabra, para que a gente possa dar a essas pessoas vida minimamente digna.

Eu disse ao ministro Ciro Gomes: “Companheiro Ciro Gomes, nós vamos construir essa Transnordestina. Nós vamos construir”. Se um Presidente, retirante do Nordeste brasileiro não tiver a dignidade de dar ao Nordeste o que o Nordeste tem direito (...). A verdade é que já veio muito dinheiro para o Nordeste, também já veio. Agora, teve muita gente que “passou a mão” no dinheiro, não aplicou nas coisas corretas.

Agora, nós queremos, nós vamos gastar mais de 1 bilhão de reais para fazer a Transnordestina, mas não será apenas dinheiro do governo. Nós vamos estabelecer parcerias, vamos fazer financiamentos. Mas o dado concreto é que nós queremos dar ao Nordeste as mesmas condições de infra-estrutura que outras regiões do país têm, para que o Nordeste possa se tornar tão competitivo como qualquer outra região do país.

A BR-101, que liga praticamente toda a costa marítima do Nordeste, vai ter que ser feita, porque não tem lugar do mundo melhor para que os europeus venham passar férias do que no Nordeste. E vão gerar empregos e deixar divisas, para que a nossa gente possa ter como trabalhar e como sobreviver dignamente.

E não vamos prometer aqui, vamos fazer. Não vou prometer, mas eu sei que o governador Paulo Souto encomendou um estudo, talvez o mais profundo sobre essa questão da hidrovia, para uma empresa de São Paulo. O companheiro Ciro Gomes já pediu o estudo para o governador Paulo Souto, e eu não vou prometer que vou fazer amanhã, nem depois de amanhã. Mas eu quero dizer para vocês: se é por causa de 30, 40, 50 milhões de reais, a importância dessa hidrovia, que pode significar bilhões, nós vamos estudar



com o carinho que eu estudo o futuro dos meus filhos; para que a gente possa criar as condições de tornar esse rio São Francisco navegável, e que a gente possa fazer com que parte da riqueza produzida no Nordeste seja transportada por esse rio.

Da mesma forma, meus companheiros, aqui já tem um porto. Só que esse porto foi feito, mas o governo federal não fez a sua parte. Então, está um porto sem funcionar corretamente. E o Brasil não pode continuar assim. Um governo começa uma obra, o outro termina; um governo anuncia uma obra, depois não faz. É melhor, ao invés de anunciar dez, anunciar uma só e fazer, do que ficar anunciando dez e não fazer nenhuma.

Portanto, meus companheiros e companheiras, eu quero dizer para vocês que estou alegre de estar em Juazeiro outra vez. Estou alegre e, quem sabe, na próxima vinda, minha parada será em Petrolina e, aí, o Joseph vai para lá, para Petrolina, para a gente fazer uma coisa juntos.

Mas eu estou convencido que eu não estou Presidente por acaso. Eu sou o único Presidente que não pode reclamar: “Ah, alguém quis que eu fosse Presidente”. Não. Fui eu que briguei muito para ser Presidente da República. Briguei porque acredito em cada palavra que eu disse durante os meus 30 anos de política. Briguei porque acredito que é possível transformar este país. Briguei porque acredito que é possível fazer com que o dinheiro público possa ser muito mais útil à sociedade, se não permitirmos a corrupção e a safadeza. Briguei porque acredito que é possível construir um outro país.

E eu tenho dito aos meus companheiros: “Não percam a calma nunca”. Eu nunca tive o fácil na minha vida. Eu fui comer pão pela primeira vez com sete anos de idade. Portanto, eu soube esperar. E eu tenho toda a paciência do mundo para fazer cada coisa que eu acredito que deva fazer.

E quero, aqui, na cidade de Juazeiro, dizer ao prefeito e ao povo da Bahia e de Pernambuco que eu tenho consciência de que se um pernambucano que saiu daqui, com sete anos de idade, para não morrer de



fome, não fazer as coisas pelo Nordeste, não será um outro qualquer que vai fazer as coisas que o Nordeste precisa.

Portanto, companheiros, quero terminar dizendo a todos vocês, que estão participando desta Feira, que uma região que é capaz de ter uma agricultura como a que vocês têm aqui, vai ter muito mais. E, de preferência, de pequenas propriedades, pelo menos, com o financiamento de dinheiro público. Vocês, que são capazes de fazer uma Feira como esta, eu vi, aqui, o representante de Angola, mas podem trazer o representante da China, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Noruega, da Finlândia, para que eles possam saber que nós, povo brasileiro, temos tanta competência quanto qualquer povo do mundo, para trabalhar e produzir coisas de qualidade. A única coisa que nós queremos é uma oportunidade. E é sobre essa oportunidade que eu quero dizer para vocês: o povo do Nordeste vai ter, nesses meus quatro anos de governo.

Muito obrigado e até outro dia, se Deus quiser.